O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

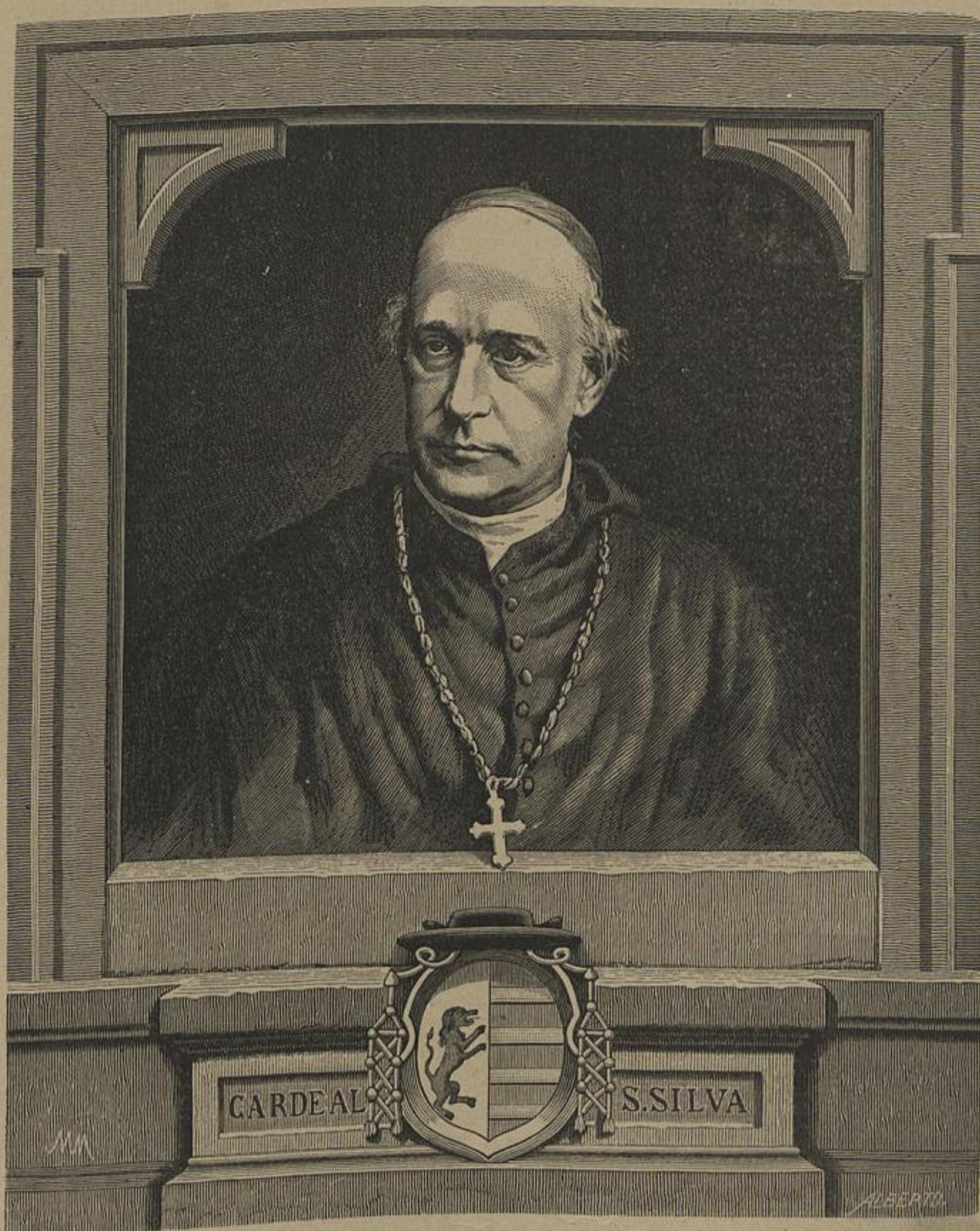
22.º Anno — XXII Volume — N.º 724

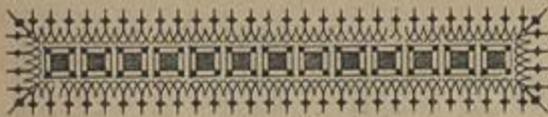
10 DE FEVEREIRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SUA EMINENCIA O CARDEAL D. AMERICO, BISPO DO PORTO

FALLECIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1899

CHRONICA OCCIDENTAL

Se Garrett houvera tido a longevidade de Chevreuil, que, no dia em que fez cem annos, poude beijar as crianças e agradecer a festa que a mocidade das escolas lhe fez, talvez se doesse de ver, onde mais o seu nome resplandeceu, no theatro portuguez, uma apotheose não conseguindo attrahir o publico, o que tão facilmente se obtem com qualquer magica disparatada.

Triste é dizel-o, mas não são apenas os analphabetos que inteiramente desconhecem o nome, não só a obra, d'esse vulto gigante pelo genio e pelo trabalho.

É um dos mais extraordinarios talentos litterarios que ha fulgido na terra. Deveria ser idolatrado em Portugal, que elle tanto amou. A Morte costuma engrandecer os homens; mas até essa parece ter-se esquecido de Garrett.

Alguem houve que n'esta hora fez o que devia. A Academia Real das Sciencias e os dois primeiros theatros de Lisboa cumpriram d'esta vez o seu dever. Tinham para isso mais do que obrigação, que, se puzerem a mão na consciencia, talvez a não encontrem socegada, muitos d'esses que nunca deveriam olvidar quanto a litteratura e o theatro portuguez devem ao genio criador da *Adozinda* e do *Frei Luiz*.

O governo tem as camaras abertas, o entrudo bate-nos á porta e ha muitas mascaradas em que pensar por toda a parte. Isso sim, isso é que é importante. Enganar, mentir, intrigar, viver hoje umas horas alegres, visto que amanhã a Deus ou ao diabo pertence, calcar as lamas d'essas ruas ou outras arrastando por ellas as chitas agaloadas com panno de caixões, em mascaradas sujas, isso vale mais do que dizer a quem foi grande que a patria lh'o agradece.

A festa parece que em Lisboa foi para poucos. Garrett, se tem tido outra qualidade de bom senso, se soubesse prever o futuro, poderia ter enfiado alguns logares communs bombasticos ou enredado umas obscenidades, com que o publico d'hoje talvez lhe enchesse a abarrotar a barraca, onde se exhibissem taes obras primas.

Desconsolou, decerto, todos os que pela arte dramatica se interessam, ler nos jornaes do dia 5 que no theatro de D. Maria ficaram vagos metade dos logares e que o theatro de D. Amelia estava longe de contar mais uma enchente.

Entretanto o theatro de D. Maria organisára bem o seu espectaculo, com versos de Bulhão Pato, um *aproposito* de Marcellino de Mesquita e mais uma representação d'um original portuguez applaudido. No theatro D. Amelia representava-se um original de Garrett, uma das suas mais famosas peças, o *Alfageme de Santarem*.

Decididamente Lisboa, com suas sociedades ricas invadidas por um snobismo antipathico, não merecia a honra de ainda dar abrigo ás cinzas de Garrett, que tanto a amou, que tantos annos n'el la viveu e n'ella quiz morrer.

A alegria foi no Porto, onde os estudantes se enthusiasmaram, onde organisaram festas, onde perto de quatrocentos de seus collegas de Coimbra foram recebidos entre ovações.

Lá, sim, foi lá que o sangue se mostrou, que subiu ás faces incendiando-as; foi lá que as almas vibraram.

Porque tão cedo ha de fugir a mocidade e forçosamente, fatalmente, esse estudante que hoje sacode em impetos de rhetorica a longa cabelleira e a todos communica um bocadinho do fogo que o anima, ha de ser um dia um indifferente, um conservador, talvez peor, um conselheiro?

É natural que a edade apague alguns enthusiasmos, que os desgostos e desastres da vida emendem alguns sonhos, que a triste agua molle do ramerrão da lucta pelo pão de cada dia desgaste algumas arestas do castello nas nuvens. Mas não sentir, rir cheio de despreso do que ainda póde sonhar, mas ter prazer em contrariar todo o impulso nobre, toda a aspiração para um ideal!

Vem hoje a velhice por demais precoce a quasi todos. Ah! são alegrias da mocidade! Gente moça, gosae da vida, entregae-vos sem freio a todos os vossos enthusiasmos! Ha por ahi não sei que atmosphera deleteria, que depressa branqueia os cabellos e enche de rugas as testas. Não faltam homens graves, que a gente vê pelas ruas, alcachinados, vergados ao peso de muitas responsabilidades, pensando profundamente em coisa nenhuma!

Os rapazes divertiram-se no Porto, acclamaram os collegas oradores, deram á festa o que mais em Lisboa lhe faltou — alegria. É que elles sabem quem era o festejado e por aqui lê-se pouco; é que elles teem almas ainda não gastas e que por isso vibram como molas d'aço; é que, hoje mais este facto nol-o confirma, ha um renascimento evidente de amor patrio, que se reconhece em tudo e perante o qual, talvez um dia, os indifferentes desdenhosos não façam boa figura durante um máo quarto d'hora.

O entrudo dá mais que pensar. O tempo vai para folias e os annos d'um morto são coisa triste.

Lisboa prepara-se para receber dignamente o velho imperador Entrudo com a sordida côrte de chechés, de gallegos, de fraldas de camisa, de vivandeiras e pastorinhas.

Os bailes publicos já começaram ha muito e n'elles decerto se hão passado milhares de romances, dada a originalidade de espirito, que é dom sabido dos frequentadores.

A intriga impera. O *bem te conheço* do estylo, afflige por mais sete vezes, com as pontas acevadas da curiosidade não satisfeita, o feliz interlocutor de bocca aberta n'um pasmado *quem será?*

— Aquella sabe francez! diz um ao ouvido d'outro, confidencialmente, cheirando-lhe a senhora da sociedade.

— Qual!

— Digo-t'o eu. Fala francez como uma parisiense.

— E que te disse?

— Sei cá! Eu não sei francez!

O illusões! Illusões! E quantas vezes a caraça tirada no agasalho do gabinete reservado não deita uma alma aos pés, não é um levantar de panno sobre uma tragedia de medonha vingança!

É que os olhos sombreados pelo veludo da mascara parecem lindos e um toque de carmim na bocca é grande ajuda. O que vale é que as illusões duram pouco, a não ser que um amante cioso se intrometta e a mascara apetitosa fuja embrulhada no misterio.

Mas ha illusões que duram. E assim como certas mulheres mascaradas teem o condão de mistificar (não confundir com bestificar) o par da contradança ou o interlocutor no dialogo espirituoso, quantas caraças em vez de caras não fazem correr traz dellas mais que de metade da humanidade!

Não philosophemos sobre o assumpto. Demais se tem dito e escripto a respeito d'esse carnaval constante em que todos andam no mundo.

Mas o que mais espanta é que muitos se contentam com essa illusão, que bem conhecem, sem nunca querer levantar o folho de seda, com pavor do queixo de fada velha, cujos espinhos lhes podem queimar as mãos.

As actrizes costumam inspirar paixões; mas quantos namorados nem tentam d'ellas approximar-se, receosos de encontrar a mulher burgueza onde só adoram rainhas, ingenuas, poetisas, mulheres d'armas, santas, uma tal variedade de feitios, que nem o sultão em seu harem ao fim da vida obteve.

Um homem adorou M.elle Mars durante perto de trinta annos, viu-a sempre que ella representou em França ou no estrangeiro, seguiu-a por toda a parte, applaudiu-a todas as noites, mandou-lhe um ramo todos os domingos. Um d'estes levava um dia um papelinho escripto: — «É o ultimo». O homem estava muito doente. Morreu sem que nunca a M.elle Mars tivesse perguntado: — Como passou?

Quarta feira de cinzas faz-se uma recapitulação de tudo o que se viu, se fez, se ouviu, se disse. A saude não vai boa. Espirito e corpo estão alquebrados. Molha-se a cabeça com agua fria, atira-se para um canto com um pontapé o fato lantejoulado da vespera e veste-se o outro fato de mascara, o de todos os dias, a que compete a caraça grave e séria.

Começa n'esse dia o entrudo dos actores. É que elles trabalharam, em quanto os outros andaram gosando. No theatro procede-se á lavagens radicaes, que o tremoço, os pós, as bisnagas, puzeram em tudo um cheiro azedo insupportavel. Vão todos até ás hortas. É um dia, são dois dias de descanço. Depois toca a ensaiar a revista, que já se está demorando.

Por emquanto as lojas estão cheias de brinquedos. Houve um tempo em França em que se fazia uma certa censura prévia a todas essas coisas que hão de entregar-se em mãos de crianças.

E não era mal feito; porque ha ideas idiotas. Uma graça muito espalhada em Lisboa é uma caixinha como as dos fosforos, contendo umas pastilhas de hortelã pimenta, que em tudo imitam os fosforos de cera. Não ha nada melhor para ensaiar uma criança de dois ou tres annos a metter um dia um fosforo na bocca.

E ha quem invente d'isso, quem venda e quem compre!

É entrudo, não faz mal. É graça.

Vamos! Comece o tiroteio dos ditos de espirito!... Viva a folia! Adeante com a facada! Quer-se um entrudo divertido!

João da Camara.

O CARDEAL D. AMERICO

Pelas 4 horas e 15 minutos da manhã do dia 21 de janeiro findo, falleceu no paço episcopal da cidade do Porto, o venerando prelado diocesano, Eminentissimo Sr. D. Americo Ferreira dos Santos Silva.

As ultimas palavras articuladas pelo fallecido Cardeal-Bispo e ouvidas distinctamente pelas pessoas que o rodeavam, resgatariam plenamente todas as faltas do homem e do sacerdote, se houvesse na sua vida preclara e illustre alguma coisa que resgatar: «Laudate Dominum, omnes gentes; laudate eum, omnes populi».

Não se mente nem se finge em face da morte; e quando n'aquella hora solemne ha lucidez de fervor e energia labial que dê passagem a semelhante brado, é porque na consciencia existe intemerata a convicção da fé e na mente robusta irradia nitida a visão immaterial do Creador.

Nasceu o sr. D. Americo, na freguezia de Massarellos, da cidade do Porto, aos 16 dias do mez de janeiro de 1830, havendo completado portanto 69 annos de idade.

Filho de paes abastados, depois de iniciado pelo carinho materno nas verdades da crença e no caminho da honra, de que tinha exemplo no progenitor dos seus dias, foi levado a Paris em 1840, para o collegio do Dr. Frei José da Silva Tavares, *Sacra Familia*, onde permaneceu até 1843, regressando então á sua terra natal e continuando a estudar os preparatorios que o habilitaram a dar entrada na Universidade de Coimbra em 1845.

Matriculou-se ahi na faculdade de theologia, que frequentou com assiduidade e notavel distincção, vindo emfim a tomar o grau de doutor em maio de 1852.

Em setembro do referido anno, ordenou-se presbytero, resando a primeira missa no mez de novembro.

Eis em poucas linhas a parte primordial da existencia do futuro principe da Egreja Catholica.

Devo advertir que o sr. D. Americo, além de merecer a attenção e consideração dos seus lentes pela talento a applicação que lhe proporcionou o justo galardão de tres premios e de muitos louvores, sempre se estremou pelo porte correcto e pelo irreprehensivel asseio da sua pessoa.

Fazia tudo isto porém, sem orgulho e sem jactancia de casta alguma; obedecia sómente aos impulsos nobres da sua indole naturalmente delicada e fidalgamente austera.

Rico dos bens da fortuna e podendo, se o desejara, entrar sem esforço no grande bulicio mundano, galgando ás culminações da evidencia, enamorou-se do estado ecclesiastico, seduziram no as suas responsabilidades gravissimas, quiz fugir ás tempestades do seculo e preferiu consagrar as flôres da sua intelligencia, a rigidez do seu caracter activo e as energias inabalaveis da sua alma serena e limpida ao ministerio arduo do sacerdocio christão.

Oh! elle comprehendera certamente e sentira ainda mais do que tinha lido, o livro immortal nas fulgurações da humildade e sem rival, feita excepção á Biblia, em que se deparam paginas da mais alevantada philosophia e do mais apurado sentimento.

Antes de subir a primeira vez os degraus do altar, já seus olhos internos do espirito se teriam abysmado em recolhimento piedoso quando o sentido physico da vista o poz em contacto com as syllabas sublimes *Da Imitação de Christo*, e já sabia na firmeza da sua vocação ardente que o sacerdote:

«Tem diante si, e nas espaldas o signal da cruz do Senhor, para se continuadamente lembrar da paixão de Christo.

«Diante si leva a cruz na casula, para que diligentemente considere as pizadas de Christo, e ponha estudo em as seguir ferventemente.

«Nas costas he signalado da cruz, para que por amor de Deus tolere com clemencia quaesquer adversidades causadas dos outros.

«Diante si traz a cruz, para que chore os proprios peccados; nas costas, para que por com-

paixão tambem chore os que os outros commettêrão, e saiba que elle he constituido terceiro entre Deus, e o peccador, e não afrouxe da oração, e da oblação sancta, até que mereça impetrar graça, e misericordia...»

Estava ali, n'aquelle filho dos finados barões de Santos, quem poderia arcar com todos os preconceitos terrenos, vencer todas as difficuldades de temperamento, suggestionar a propria vontade, caso descobrisse algum leve desfallecimento, n'um enleio formosissimo de bem querer invulneravel, e apresentar-se por ultimo tranquillo do cumprimento do seu dever a tocar com mãos ungidas no cadinho da fé a Hostia mystica da redempção.

Tal era o novo levita alistado nas hostes evangelicas de Jesus Christo.

Logo em 1853, correndo o mez d'outubro, foi occupar o logar de professor de theologia no seminario de Santarem, cidade esta que o teve tambem professor de francez no lyceu em 1856, e commissario dos estudos do districto por nomeação datada em fevereiro de 1861.

Acompanhou a Roma em 1854 o Cardeal Patriarcha, sr. D. Guilherme, que foi assistir na cidade eterna á definição do dogma da Immaculada Conceição.

Podia relatar, se o julgasse util e vantajoso para a sua memoria, todas as missões espinhosas que lhe confiaram e todas as distincções honorificas com que foi agraciado: repugna-me todavia fallar ou escrever de demonstrações de confiança e de titulos gloriosos tantas vezes fementidos e arrastados na lama a troco de dinheiro, quando, como agora, compulso os actos d'uma carreira humana assignalada por meritos reaes e que ficam registados na historia.

A primeira feição indelevel e caracteristica na physionomia moral do sr. D. Americo é a intransigencia disciplinar, que alguns individuos chegaram a acoimar de severidade excessiva.

O segundo traço monumental e immorredouro da sua personalidade é o seminario dos Carvalhos, cuja inauguração teve logar no dia 16 de novembro de 1884.

O terceiro virtuoso padrão inolvidavel do seu valor, cinzelou-o a sua penna primorosa na Provisão publicada em fevereiro de 1890, por occasião do ultimatum da Inglaterra.

São tres prismas d'um mesmo diamante, resumindo com a maxima exuberancia de verdade o solido fundamento que realça toda a pureza dos seus quilates.

Não estamos infelizmente acostumados a trilhar sem exitação as veredas amplas do dever e do direito, e por isso estranhamos muito que alguem viva divorciado da brandura estulta e maliciosa, que só cava cemiterios de nacionalidades e empana miseravelmente todos os brilhos da grandeza.

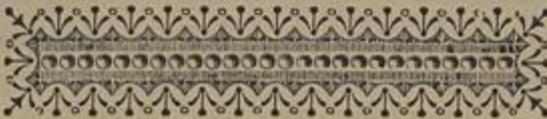
N'este ponto, o Cardeal D. Americo entendeu muitissimo bem que o clero carece de membros dignos, e que é attentado imperdoavel da parte d'aquelles a quem cumpre velar por elle, consentir em que se afaste do seu apostolado generoso e pacificador.

O antistite da egreja portuense, poderia ter errado ou illudir-se; mas se foi inflexivel nas determinações de supremo hierarcha para com as ovelhas do seu rebanho que lhe eram immediatamente subordinadas, procedeu sem duvida na melhor e na mais justa das intenções, a da ordem e do bom exemplo.

As quantias que dispendeu do seu bolso particular para educação de aspirantes aos graus ecclesiasticos, e o cuidadoso esmero que desenvolveu na sua tarefa sympathica de fundador do seminario dos Carvalhos, animando todos com a sua presença e despertando brios em clerigos e simples estudantes, estes factos exteriorisam eloquentemente as suas tendencias intimas, corporisam os seus desejos anhelantes, estereotypam a sua passagem por forma deslumbrante e inapagavel; são o complemento integral das faculdades do seu espirito e das modulações do seu caracter.

Comtudo, o momento psychico em que se affirmou soberanamente toda a alteza indomita da sua estatura n'este solo portuguez, e todo o intrinseco affecto ao paiz que lhe foi berço, está trasladado em um documento escripto, singular por ter sido unico em pessoas da sua categoria e posição social, no qual retumba como ribombo de trovoada pavorosa o brado de protesto d'uma alma amante da sua patria, ferida de indignação em face de brutal e inesperada arrogancia.

Basta o que deixo dito do sr. D. Americo Ferreira dos Santos Silva, confirmado Bispo do Porto por Pio 9.º em Consistorio de 26 de junho de 1861, e nomeado Cardeal por Leão XIII em 12 de maio de 1879, precedendo proposta d'El-Rei D. Luiz I, para se lhe talhar um pedestal granitico em que haja de ser collocado o seu busto de bronze, ensinando ás gerações vindouras qual o meio legitimo de ascender sem mancha vergonhosa a montanha da vida transitoria n'este valle de dores e de perfidias, e de abraçar triumphalmente na hora do passamento a insignia divinal do Calvario.

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

RESTAURAÇÃO DA SÉ DE LISBOA

Desde longos tempos que a vetusta sé de Lisboa, o monumento mais antigo da capital, senão de toda o paiz, reclamava inadiaveis restauros, mas dirigidos por pessoa competente e não, como até agora, realisados sem um plano determinado e como que por desfastio, para empregar operarios sem trabalho, demolindo e construindo ao alvedrio de cada um.

O que de ha tantos annos se vinha tornando uma boa medida, tão louvavel como patriotica, era hoje uma imperiosa necessidade. Urgia elaborar um plano, methodico, compativel com a indole dos restauros e das condições em que se teem de fazer.

Assim o entendeu o actual titular da pasta das obras publicas, que por portaria, publicada em 23 do mez de janeiro findo, nomeou uma commissão para proceder aos estudos e elaboração de um programma dos restauros a fazer na antiquissima sé de Lisboa.

São presidente e secretario d'essa commissão dois cavalheiros, de cuja idoneidade, a par da dos respectivos vogaes, ha a esperar um programma digno da sua erudição e talento.

Tratando-se da sé de Lisboa, occorre logo o nome de um dos nossos mais distinctos archeologos, que ao estudo e monographia d'aquelle monumento nacional dedicou as mais interessantes e encantadoras paginas da sua *Lisboa Antiga*, o litterato elegante, que todos conhecemos, o sr. visconde de Castilho, que é o presidente da referida commissão.

Congratulando nos pela escolha acertadissima, que se fez, dedicaremos hoje algumas linhas ao venerando templo da cidade de Lisboa, acompanhando-as das gravuras que publicamos.

O secretario da illustre commissão é o architecto sr. Domingos Parente da Silva, um artista de reconhecido talento e de cuja valiosa cooperação é licito antever brilhantes resultados.

É certo, pois, estarem commettidos os estudos para a restauração da sé lisbonense a cavalleiros competentissimos, com o que muito sincera e jubilosamente exultamos. E, comnosco, folgam todos aquelles que prestam culto ás tradicções mais puras e aos monumentos mais interessantes da nossa civilisação.

*
* *

Não cabe nos limites d'este rapidissimo artigo um esboço da historia da sé de Lisboa, tanto mais que, em resumo, o que de certo se sabe é pouco, a não querer estampar e reproduzir considerações de varia natureza, mas que muito carecem de fundamento e abonação.

Sobre a fundação do antiquissimo templo divergem bastante os pareceres, querendo uns que já existisse antes da entrada dos mouros, outros que foi estabelecido por D. Affonso Henriques para o bispo inglez D Gilberto.

Da sua primitiva architectura apenas se alcança ao seculo XIV, em que, além das duas torres da fachada, tinha tambem uma alterosa torre no cruzeiro, como se vê de um antigo sello do seculo XIV da camara de Lisboa, e que vem reproduzido na *Historia Genealogica*.

Na estampa geral com que Lavanha acompanhou a descripção da entrada de Filippe II em Lisboa, vê-se ainda a sé com a sua torre do cruzeiro.

Com o terramoto de 1755 soffreu muitissimo a sé lisbonense. Bem o mostra a gravura que publicamos na pagina 32 e que é a reproducção de parte de uma gravura da epoca. Como se vê a cupola desabou sobre a nave principal, alluindo as demais partes do grande edificio; o tecto da parte sul caiu inteiramente destruido com o campanario; o cartorio, que guardava muitos valores e as preciosas alfaias da basilica, de Santa Maria Maior, segundo a invocação recebida quinze annos antes, tudo ficou reduzido a um montão de cinzas fumegantes.

Pelos vestigios que ficaram da reedificação, devia ter sido muito mais vasto o templo antes do terramoto. Em logar de se seguir na reconstrucção o edificio antigo, o encarregado da obra, segundo declara o conego Villela, mais se aprimorou nas exterioridades e apparencias do que na traça geral, resultando ficar, pouco mais ou menos, o que hoje lá se vê e a nossa estampa de pagina 33 reproduz fielmente.

*
* *

É claro que a illustre commissão agora nomeada não vae tentar com os seus restauros restituir a antiga traça ao venerando templo, mas decerto terá em vista, seguindo as exigencias da historia e da archeologia, não obliterar quanto seja prova e vestigio da muita antiguidade do edificio.

Conciliar essa conservação com o que houver de se construir para integrar os diversos trechos existentes é tarefa difficil, mas a presente commissão possue elementos para cabalmente se desempenhar do seu mandato, desejando nós vivamente que ella leve a bom fim os seus trabalhos, para satisfação de todos e honra do paiz.

OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei essas estrellas,
Mil côres — divinaes têem essas flores
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim será a voz que affina,
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flôres gyra,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pomos saborosos,
É um mimo — de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sêde... Sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
É só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram,
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

Almeida Garrett.

NOTAS E IMPRESSÕES

ALMEIDA GARRETT

«Onde jaz, portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

Agora, que vae celebrar se o centenario de Almeida Garrett, vem a proposito citar aquelles versos, que Elle — o grande e incomparavel Mestre — dedicava a outro celebre vate, mas que com tanta ou mais rasão podem applicar-se a si proprio.

A ideia da celebração do centenario — segundo n'este momento leio em um artigo do sr. Silva Pereira publicado no OCCIDENTE — começou a aventar-se na imprensa ahi pelos annos de 1893; partiu do auctor do livro *Primeiras Leituras*, o distincto escriptor e mavioso poeta, sr. Joaquim d'Araujo; e foi logo seguido e adoptado pelo sr. Alberto Bessa, que na sua *Galeria Portugueza* deu á estampa o retrato de Almeida Garrett acompanhado de um artigo biographico.

Na sessão legislativa do anno passado, ahi pelo mez de fevereiro (se bem me recordo, que agora estou citando de memoria), o distincto poeta e illustre deputado sr. Queiroz Ribeiro, auctor das *Cinzas*, apresentou ao parlamento um projecto de lei declarando Pantheon Nacional o mosteiro dos Jeronymos e prescrevendo que fossem para ali trasladados, á custa do Estado, os restos mortaes dos benemeritos da patria, especificadamente os do visconde d'Almeida Garrett e os de Camillo Castello Branco. Quer-me parecer que este projecto não teve seguimento, o que não admira, sabendo-se que estamos em Portugal, paiz que em cinco milhões de habitantes conta quatro milhões de analphabetos.

Em todo o caso a ideia do centenario foi germinando, e, segundo se diz, dentro em breve deve ser um facto.

Mas o que muita gente ignorava, até ha pouco, era o logar certo onde repousavam as cinzas do auctor da *D. Branca*, um dos mais brilhantes es-

RESTAURAÇÃO DA SÉ DE LISBOA

O EDIFICIO DEPOIS DO TERRAMOTO DE 1755

criptores do presente seculo; foi mister que o notavel burilador do *Além*, sr. Anthero de Figueiredo, n'um bello artigo publicado no n.º 4:267 das *Novidades* de 3 de março de 1898, nos viesse dizer que o cadaver de Almeida Garrett jaz esquecido no cemiterio dos Prazeres, «n'um jazigo que, por ser de outrem, não tem o seu nome, nem o menor letreiro que diga que descança ali o notavel dramaturgo do *Frei Luiz de Sousa*.»

ter saldar uma divida nacional e reivindicar para a memoria de Almeida Garrett, uma das nossas maiores glorias, todas as honras que lhe são devidas.

A minha admiração por esse vulto notabillissimo das letras patrias não tem limites. A minha admiração e o meu respeito, que me faz inclinar reverente perante o seu nome assaz glorioso.

Garrett escriptor, poeta, romancista, orador e para honrar uma nação e engrandecer um homem, como diz Mendes Leal; o sentimental poeta, que, na phrase elegante de Camillo (referindo-se ao poema Camões) fez uma apotheose ao genio, e a si se ungiu ao mesmo tempo principe reinante na dymnastia dos poetas portuguezes, creando aquella maravilha litteraria; o patriota insigne que foi, depois de cantor dos *Lusiadas* o que melhor comprehendeu a alma por-

RESTAURAÇÃO DA SÉ DE LISBOA

ESTADO ACTUAL DO EDIFICIO

E accrescenta o auctor do artigo: «Esse jazigo, que pertence á familia Pimentel Brito e Rio, tem o n.º 455 e está na rua 8, lado direito, proximo do soberbo monumento a Antonio Augusto de Aguiar.»

Eis ahi onde param os ossos do genial escriptor, que dentro em breve vae ser glorificado: esquecidos a um canto, no cemiterio dos Prazeres, n'um jazigo de emprestimo, como se o homem a quem elles pertenceram, pudesse confundir-se com os simples mortaes.

Mas isto não póde nem deve ser assim; é mis-

dramaturgo, é por si só uma litteratura. D'elle diz Mendes Leal, no *Elogio Historico*: «... maior por suas obras que por seus titulos, é dos vultos predominantes, que ficam em pé no ádito dos seculos, como representantes d'elles. De taes homens não se diz *foram*, porque não deixaram de ser: diz-se *são*, porque a sua vida começa na posteridade.»

O renovador do theatro portuguez, ao qual applicou a ideia patriotica com o seu notavel *Auto de Gil Vicente*; o creador sublime d'esse *Frei Luiz de Sousa*, obra prima que só por si bastava

tugueza, a alma popular: esse homem, esse vulto gigantesco da nossa historia, deve, por direito ficar no Pantheon Nacional, ao lado d'aquelles a quem a patria cumpre mostrar-se reconhecida.

Celebre-se, pois, o centenario; mas não esqueça a trasladação dos restos mortaes de Garrett para o mosteiro dos Jeronymos.

É uma divida de gratidão a um dos maiores escriptores do seculo.

Tondella, 28 — 1 — 99.

Eduardo Duarte.

OLHOS NEGROS

ORIGINAL

Por teus olhos negros, negros
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azues dão muita esp'rança,
Mas fiar-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não.

184...

(Das *Flores sem fructo*). *Almeida Garrett.*

OJOS NEGROS

VERSÃO

Por tus ojos negros, negros,
Negro tengo el corazón;
Yo á pedirles siempre amores,
Y ellos á decir que no.

Y no quiero yo otros ojos,
Negros, negros como son:
Que azules prometen mucho,
Mas creerme en ellos... no!

Solo negros, negros quiero,
Porque si, ardiendo en pasión,
Un dia dijeren si,
Nunca más dicen que no.

José Bénoliel.

ALMEIDA GARRETT

Morreu! A lyra lh'estalou de todo!
Era o sceptro do rei das harmonias;
Hoje, depois de morto, lhe orna a campa;
Qual brilhante pharol, se estende ao longe,
E ha de estender-se ás gerações futuras.
Nós que lhe ouvimos o soar mavioso,
Onde a saudade modulou queixumes,
Onde cantou amor, troou a gloria,
E a liberdade alçou hymnos sagrados,
Ora um só echo lh'escutamos, grande
Como seu nome que na fama vive.
E maior se fará; que para o genio
A morte é como o sol, que da montanha
A forma, ao declinar, no campo augmenta.
Mas não ha noite que lhe apague a sombra:
Perpetuo dia, inextinguivel culto,
De paes a filhos, com o tempo álteia
Á estatua augusta o pedestal sublime.
Assim de Homero ao majestoso throno
Um degrau cada seculo levanta,
E, quasi nume, a topetar co'os astros,
Atravez do passado myst'rioso,
A pia crença reverente o adora.

*

E eras grande, poeta. N'essa fronte
Deus estampára a inspiração divina;
Em igneas lettras soletrou-a o mundo;
Onde passavas uma esteira lucida
Lá lh'o dizia, monstruosa cauda
De audaz cometa que outro céo buscava.
Com a ideia corrias, inconstante,
Da rosa ao goivo, do cypreste ao loiro,
E a vida e a morte e a gloria sublimavas.
Tinhas por teu dominio a terra, o espaço,
Que do infinito os páramos immensos
Ante esses olhos d'aguia se estendiam,
Como aos olhos do nauta os horisontes.

*

Sim, eras grande! Sob um céo de fogo,
No berço quasi pululava o estro;
E á phantasia as azas desprendendo,
Que promettiam já voar bem alto,
Outro ar, mas celeste, respiravas,
O futuro a antever; ou modulando
O debil canto do Mondego ás margens,
A contemplares Deus e a natureza,
Ou pretendendo competir com Pindaro,
Na rude senda a acompanhar de perto
Filinto, porque a luz do enthusiasmo
Os barrancosos passos te marcava.
Agora em paz, no intimo dos lares,
Celebras a amizade, amores sonhas;
Agora carpes a desgraça; e, quando
Vês raiar o fulgor da liberdade,
Fervente saudação lhe mandas d'alma,
Que é a vida do homem, que nos ferros vive,
«Não, só vegeta miserando escravo.»

*

Ouvis? Que canto é esse que do Thamesis
Em som extranho vae correndo as aguas?
D'ahi ávida estende os longos braços
Albion, avassallando o imperio undoso;
D'ahi á terra que lhe dera o berço
E aos povos todos o seu brado envia
O poeta no exilio; mas a patria,
Que elle ama tanto, não o escuta. Vêde
Como rebenta o ardor no peito indomito
Do cantor de Riego! como irado
Do Tejo os filhos interroga: escravos,
«Pésa mais um punhal que uma cadeia?»

*

Da lyra agora temperando as cordas,
Na lingua de Camões Camões revive,
E a lingua e o vate grandiosos surgem.
Em novo estylo, remoçada e forte
A nossa fala donairosa attinge
A louçania das da Europa cultas;
Brota, cresce, infloreia-se viçosa
E variegada, qual jardim d'estio,
Onde a arte ajudou a natureza;
Aqui risonha, ali compadecida;
Desalinhada ás vezes; ora meiga;
Ora arrojada em concizão nervosa;
Mas sempre portugueza e bella sempre.

*

Como resoa da saudade o canto
Nas ribas extrangeiras! De acanhada
Entre os olmedos d'esse pobre Sena,
Su'alma inquieta para os mares foge.
Como lhe anceia o coração, contando
Do poeta de Ignez a sorte infausta!
Á mingua morre, na penuria expira
Quem fez a Portugal maior no mundo!
«E tu, mãe descaroavel, o engeitaste!
«Onde jaz, portuguezes, o moimento,
«Que do immortal cantor as cinzas guarda?

*

Assim bradava no desterro o vate,
Dos seus o brio, a honra estimulando,
A recordar os feitos do passado;
Mas o clarim ardente o incita á guerra,
E, novo Alceu, enthusiasta anima
Da Terceira as phalanges. A victoria
Á patria o restitue, de fama rico;
Nem mais deseja; a liberdade agora
Corôa a lyra que a chamára á terra.

*

Eil-o que lá franqueia ardido a méta,
E do presente os terminos quebranta.
Recúa um passo ante elle o tempo e a vida,
E, ao ouvil-o cantar, quasi se esquecem.
Tornados ao preterito, imaginam
Viver de novo na já morta scena:
Vêem Catão em Utica expirando;
Do afortunado Manuel os dias
Com Gil Vicente e Bernardim renascem;
Respiram, sentem, falam a linguagem
D'aquellas eras; de Manuel de Sousa
O feito nunca feito escripto fica
De modo tal, que não o podem homens
Outra vez escrever; nem elle mesmo:
Fôra do genio o maximo portento!

*

Quem mais seguro nos abrira os cofres
Da tradição do povo? Quem tecera
Com mais grato sabor as lendas suas?
Com que arte e gosto restitue, imita
Do trovador incognito as endeixas,
E, como elle, suspira, ama, padece,
Ou paixões, aventuras, galhardias
Nos conte de afamado cavalleiro,
Ou feios casos de brutal fereza
Com delicada mão na téla borde!
Noite de São João, noite bemdita,
Da nossa gente enlevo, ethereas fadas,
Espiritos do ar, crenças e usanças
Do velho Portugal, perdidas quasi,
Da su'alma ao calor, viçaes de novo.

*

Portuguezes, chorae! Vosso irmão era.
A mente, o coração, a espada, a penna,
Tudo, tudo vos deu. Por vós sómente
«Não foi *seu* braço ao campo das batalhas
«Segar-*vos* loiros? *Seus* sonoros hymnos
«Não voaram por *vós* á eternidade?

*

No palacio dos reis ladeado de honras,
Na imprensa escriptor, firme susteve
A causa publica, e, á tribuna ousado
Subindo, eloquente a voz desata.
Soffre o desterro, o carcere o recebe;
«Silvando embalde co'a viperea lingua,»
Tenta mordel-o a inveja; tudo balda;
E na desdita maior força cobra.
Assim rio caudal, se encontra acaso
No curso duras, empinadas rochas,
Que lhe pejam a estrada, sobe, estreita,
Passa, apertado entre ellas, trovejando,
E após as margens insoffrido alaga.

*

Quasi no extremo despedir da vida,
Que sentido cantar inda modula,
Como de joven coração? A chamma
Do amor vem animar-lhe os debeis olhos,
E erguer-lhe a fronte que já pende á terra,
Não do pêso dos annos; das corôas
E dos espinhos que acarreta a gloria.

*

E por fim lhe cahiu! Eis cede o corpo;
Eis esmorece a luz; e a majestade
Do genio só e Deus em frente se acham!

*

Como o cedro no Libano educado,
Que, altivo, a coma para o ar arroja,
Mas, se dos furacões a raiva quebra,
Qual thuribulo, evola-se em perfume,
Assim elle, no mundo mal nascido,
A outros mundos o pensar alava;
Chegou a morte; e do Senhor o braço
Para sempre o abateu; porém sua alma,
Aroma da existencia, os astros sobe.

*

Oh! eras grande! Portugal que o diga;
Pelos climas da America vagando,
O divino Garrett ouvir chamar-te;
A fama por mil boccas te pregoa;
A Europa ao brado se lhe junta, e cresce,
Unido ao teu, o portuguez renome.

*

Vinde comigo pois; se portuguezes,
Sobre os restos do bardo e patriota
O meu cantar acompanhae de lagrimas.
Lagrimas são tambem que aqui derramo.
Pude de perto contemplar o genio,
As palavras lhe ouvir; sei quanto era.
Por isso agora minha voz levanto,
Debil seu vôo rastreando apenas,
Que pela immensidada alem se perde.

*

E vós, patria de heroes, patria esquecida,
Desamorada mãe de illustres filhos,
De quem vos serviu tanto honrae as cinzas.
De Camões, de Garrett e de Filinto
Nos monumentos desmentido eterno
Mandae ao mundo que vos diz ingrata.
E, se não... grande é a terra, o tempo largo,
E eis a patria do genio. Do sepulcro,
Onde se acabam reis, perecem povos,
Tu, ó rei da harmonia, a loisa partes,
Vingas o espaço; a eternidade é tua.

LISBOA *Ramos-Coelho.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO I

X

OUTRA GONDOLA, OUTRO AMOR

Com que impaciencia esperei o dia seguinte, com que anciedade — porque, se ella não viesse, tudo voltava ao começo — escusado é dizer-lhes. Todos passámos por essas commoções, que, vistas de longe, nos parecem tão futeis, e que entretanto tão violentas são, verdadeiras, aceradas, as mais vivas manifestações do coração.

Amava-a realmente, com esse amor-paixão de que Stendhal nos fala. Foi por isso, com toda a inexprimivel commoção de uma primeira entrevista, que fui ao seu encontro na Praça Sant'Angelo, que de longe a conheci, que senti seu braço apoiar-se ao meu.

Já tinha alugado uma gondola que nos esperava, não muito longe, no grande canal. Fechámonos com todo o cuidado e, emquanto os nossos dois gondoleiros iam rezando lentamente, cantarolando baixinho uma canção lá d'elles, passámos duas horas conversando, ella de sua vida passada, eu de sua vida futura. Pintei-lhe com toda a eloquencia d'um apaixonado convicto a vida adoravel que o amor nos havia destinado, se ella consentisse em me acompanhar a Paris.

Puz-lhe a brilhar aos olhos encandeados a liberdade de viver em Paris como lh'o dissesse o coração — n'esse paraizo, que até em Veneza é sonho, encantal-a-hiam os espectaculos — as festas brilhantes em que ella deslumbraria pela belleza o olhar dos homens e offuscaria o das mulheres. Tentei acordar-lhe tudos os sentimentos adormecidos nos corações das raparigas, fazer-lhe vibrar todas as cordas do coração. Chamei em meu auxilio toda a minha experiencia, tentando excitar-lhe aquella sede dos prazeres vaidosos e das violentas voluptuosidades, que não morre nunca mais.

Fui quasi ditoso, essa noite, em minha obra de seducção Violante escutava me attentamente, com a alma toda no olhar fito no meu, como se quizesse apanhar o ponto commum da verdade das palavras e da mentira das promessas.

Tão absorta estava, que me abandonou braços e mãos, que eu enchi de beijos, falando-lhe do meu amor e dos meus sonhos.

Mas nada mais houve. Voltei para casa, era noite, sem haver obtido de Violante um só carinho, uma palavra de esperança. Mas não desesperei, porque tornariamos a vêr-nos d'ali a dois dias.

Semeara o mal, e não ha coisa que brote mais rapido nos corações das filhas d'Eva.

Não lhes occultarei, meus amigos, que a falsa miragem, de que me servi para deslumbrar Violante, me produzira algum vivo remorso. Nenhuma tenção tinha de a trazer comigo. Contava passar com ella umas semanas; tinha uma vaga esperança de que Antonio, meu vencido, seria mais tarde meu vencedor, quando eu da victoria me cançasse. N'uma palavra, eram todas as poucas vergonhas d'um coração, que teve de D. João a escóla.

Não contei com Violante, nem com a minha paixão contei.

Sabem que eu estava hospedado no hotel Danieli. Vi no dia seguinte Violante no Caes dos Esclavões. Eu estava á janella e disse-lhe adeus n'um sorriso. Elle ia seu caminho, mas de repente volta e sobe a quatro e quatro os degraos da escada.

Fui-lhe ao encontro, tomei-a em meus braços e levei-a para o meu quarto. Estava enfiada, como morta.

— Acabou-se, disse; não tenho forças para viver sem ti.

Ao primeiro beijo, fujiu-me; mas desde logo percebi a violencia do meu amor.

XI

ALMAS DE VENEZA

Eu é que já não podia viver em Veneza sem Violante. Era para mim uma segunda luz, sem a qual nada sabia vêr. Tentára um estudo sobre os primitivos mestres e ia todos os dias á Academia de Bellas Artes. Quiz um dia que ella viesse comigo.

— Iremos na gondola, disse elle, mas não á Academia.

— Porque?

— Porque não quero que tenha um tão lindo cicerone.

Tudo me queria sacrificar, coração, vida, logar no céo, como ella tão bem m'o sabia dizer; mas perante Veneza queria conservar o seu orgulho. E disse-me:

— Nunca serei sua de corpo e alma, á face de todas estas egrejas e palacios, onde velam por mim as almas da minha terra! Aqui não quero córar!

Ninguem póde imaginar com que expressão de orgulho pronunciou estas bellas palavras.

— Não importa, respondi. Virás comigo para onde eu fôr, e, quando eu saltar em terra, ficarás na gondola.

Confesso que vivi sempre na agua; porque, as mais das vezes, em vez de arribar para visitar qualquer palacio, quedava-me ao lado de Violante.

O nosso gondoleiro era sempre o mesmo, um que fala de Meissonnier com enthusiasmo, porque foi seu gondoleiro «e seu amigo.» Sorria-se de nos vêr tão namorados e nada se indignava, quando a veneziana sem córar me dava um beijo, dispensando a licença do prior. Muito tinha já visto. Os francezes, dizia, são patricios. Desde que a França deu Veneza a Veneza, os francezes são estrangeiros. Deviam ter conservado Veneza.

— O nosso gondoleiro, uma noite, remára muito na direcção de Murano e quasi adormeceu, deixando ir a gondola na corrente. Quiz eu pegar nos remos.

— Não, disse-me Violante, vamos á mercê de Deus!

Era o mar como espelho em que as estrellas se miravam. Violante lançou-se-me nos braços, mais expansiva que de ordinario.

— Amo-te, disse-me.

Mordiam meus labios seus cabellos, adoraveis cabellos que cheiravam a feno cortado.

Eu não a percebia.

— E sabes porque te amo ainda mais? perguntou. E porque me sinto longe de Veneza.

Agora, sim, percebia.

Ah! falassem as estrellas, como diriam essas horas de alegria e de paixão!

— Amo-te, como não és capaz de amar-me, dizia-me Violante.

— Amo-te, como não és capaz de amar-me, dizia-lhe eu.

Haveria uns cinco ou seis dias que eu era amante de Violante, quando uma manhã me entrou ella no quarto, toda desfeita em lagrimas.

— Ah! Paulo, querido Paulo, disse-me, cahindo-me nos braços, estamos perdidos; meu tio sabe tudo e foi Antonio quem lh'o contou.

— Como foi isso? perguntei, ainda mal acordado por aquella entrada repentina.

— Antonio, não me tendo visto voltar no outro dia, veio-me esperar á porta do palacio Riminio. Viu me sahir da nossa gondola e, acordadas as suspeitas, foi na manhã seguinte explicar-se com meu tio Bernardo. Disse-lhe o tio que eu ia todas as noites a Sant'Angelo, que tanto na vespera como na ante vespera, lá tinha estado, bem como nos outros dias.

— Não, tio estupido! disse-lhe Antonio. Sua sobrinha que deveria ser minha mulher, assim que tivessemos junto as tres mil liras precisas, vinha todas as tardes passar uns instantes a conversar comigo, ou era eu quem a vinha esperar a esta porta para irmos passear pelo canal.

— E então, perguntei eu rindo a Violante, que respondeu a isso o ajuizado e perspicaz Bernardo?

— O tio furioso ameaçou Antonio de lhe mandar dar duas cacetadas, se continuasse a calu-

mniar-me. Mas o Antonio é valente e a ameaça não produziu effeito. Continuou com explicações, conseguindo por fim convencer meu tio de que eu tinha um amante e de que esse amante eras tu.

— Precisamos seguir-lhe os passos e tudo saberemos, disse meu tio.

— Isso fizeram hontem, continuou Violante. Antonio, ao pé da nossa porta, esperava-me escondido n'uma gondola; seguiu-nos e, com certeza, se não levassemos dois gondoleiros, teria vindo ter comnosco para vingar-se.

— Mas como sabes isso? perguntei.

— Meu tio m'o contou e deu-me a escolher: ou casar-me desde já com Antonio ou fechar-me n'um convento. Antes quiz fugir.

— E Antonio ainda casaria comtigo?

— Sim, porque gosta de mim. Está como doido e jurou que ha de matar-te.

E Violante, de joelhos ao pé da minha cama, com os olhos cheios de lagrimas, olhava para mim com um profundo sentimento de desespero.

— Estou perdida, disse. Vais partir e eu vou morrer!

Peguei na loira cabeça de Violante e beijei-lhe os olhos, dizendo-lhe:

— Gostas de mim, Violante?

Lançou-se-me nos braços soluçando.

— Vamos, linda adorada, se me amas não chores assim. Porque choras? porque o tio avarento te ameaçou com a maldição? Ou é porque o sr. Antonio sabe que já não gostas d'elle?

— Ah! exclamou Violante, que elle o saiba deveras e que me esqueça como o esqueci. Tanto mais que nunca gostei d'elle.

— Então tantas lagrimas para que? perguntei a rir. Já alguma vez o sr. Bernardo se tornou merecedor de tantas lagrimas? e d'essas, de mais a mais, d'olhos tão lindos? Dá-me um beijo, minha pequenina, e agradece ao acaso ou aos ciumes de Antonio a nossa partida, um bocadinho mais cedo do que era tenção minha.

— Pois partirei comtigo? murmurou Violante, beijando-me apaixonadamente.

— Duvidaste do que te dizia?

— Duvidei, porque o amor é medroso.

— Partiremos juntos; mas, como não quero que o sr. Antonio julgue que fujo d'elle, vou-te esconder por uns dias no albergue della Luna e farei os meus preparativos.

— Já não posso deixar-te, disse-me Violante envolvendo-me em seus braços. Se Antonio me faz medo é só por ti.

— Mas eu, que o não receio, quero que elle o saiba.

— Que vais então fazer?

— Nada; esperal-o. Bem sabe que todas as noites vou ao café Nuovo; se quizer matar-me que me siga os passos.

— Vai então, e as almas de Veneza, que me protegem, velem por ti!

Em sua nativa altivez, Violante julgava-se sempre sob a guarda das almas do passado.

(Continúa).

NECROLOGIA

VICE-ALMIRANTE PEREIRA SAMPAIO

No dia 21 de janeiro findo, falleceu repentinamente em sua casa o sr. conselheiro Antonio do Nascimento Pereira Sampaio, vice-almirante, ajudante de campo honorario de El-rei e um dos mais distinctos officiaes superiores da armada portugueza, que honrou com a sua illustração e com o seu caracter nobilissimo.

O vice-almirante Sampaio foi um bravo marinheiro que se encaneceu no serviço da patria, ora nas arriscadas viagens de mar, ora nas difficeis commissões de governo das colonias que por mais de uma vez exerceu.

Foi governador de Cabo Verde, da provincia de Angola e do Estado da India, e de todos estes governos se desempenhou sempre com zelo e intelligencia superiores.

De suas viagens escreveu e publicou interessantes narrativas, em folhetins do *Diario de Noticias*, assim como outros artigos de assumptos maritimos e coloniaes, em que mostrou quanto conhecia a administração e governo das colonias.

Quando se fundou a Sociedade de Geographia de Lisboa, Sampaio foi dos primeiros a associar-se a esta instituição que tantos serviços já tem prestado ao paiz.

Foi presidente effectivo e honorario da Sociedade de Geographia, e ainda agora era presidente da commissão africana d'esta sociedade.

O vice-almirante Antonio do Nascimento Pereira Sampaio tinha 65 annos e estava reformado desde 1897.

A sua morte foi uma surpresa para quantos o conheciam forte e válido. Maior é assim a perda que todos lamentamos.

Recebemos e agradecemos:

Diversos almanachs e kalendarios

Tem-se generalisado bastante entre nós o uso dos principaes estabelecimentos da capital publicarem, para offerecer aos seus freguezes, graciosos kalendarios, que constituem um utilissimo brinde, e dos quaes temos recebido alguns exemplares.

VICE-ALMIRANTE PEREIRA DE SAMPAIO

FALLECIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1899

Da empreza do nosso collega do *Seculo* tambem recebemos o seu *Almanach*, para 1899, um interessante annuario, com varios artigos curiosos e variadas illustrações.

Da empreza editora Francisco Pastor egualmente recebemos o seu conceituado almanach, que se apresenta, como nos mais annos, muito selectamente collaborado, e justifica o subido apreço em que é tido.

Na Berlinda — *por Dias Barrozo — Emp. d'«A Provincia» — Recife — 1899.*

N'este elegante folheto o sr. Dias Barrozo faz a analyse critica dos trabalhos litterarios de dois escriptores pernambucanos um tanto conhecidos.

Aqui, tão longe, mal conhecendo as producções dos dois litteratos alvejados, só podemos verificar que o sr. Dias Barrozo analysa e critica com muita lucidez e propriedade os trechos que nos apresenta. Se n'essa escolha ha um criterio assaz imparcial e desapaixonado é o que ignoramos, mas em todo o caso, louvamos Dias Barrozo por pugnar pelo bom nome das lettras pernambucanas.

«A Tradição» — *Revista Mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada — Redacção e administração — 2 e 4, Rua Larga, 2 e 4 — Serpa — Janeiro de 1899.*

Uma nova revista illustrada de ethnographia portugueza acaba de apparecer no nosso meio tão falho de publicações congeneres. Cabe a honra á antiga villa de Serpa e são seus directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, que demonstram n'este primeiro numero, quanto ha a esperar da sua illustrada competencia em genero tão interessante e curioso.

Eis o summario do numero presente:

Texto — *Preliminar*, pela Redacção. — *O Doutor da mula russa*, por Souza Viterbo (Dr.). — *Natal Anno-Bom e Reis*, por M. Dias Nunes. — *Cancioneiro de musicas populares*, por Paulo Osorio. — *Vidigueira e suas tradições*, por Fazenda Junior. — *Novellas populares minhotas*, por Alvaro Pinheiro. — *Jogos populares*, por Ladislau Piçarra (Dr.). — *Superstições: O Banho da Alma*, por L. P. — *Adivinhas*, por Castôr. — *Bibliographia*, por D. N.

Estes artigos teem illustrações, pertencendo á galeria de typos populares: a *Apanhadeira d'azeitona*, e ao cancioneiro musical: o *Cantico aos Reis*.

Longa vida á excellente publicação.

Dezoito annos em Africa — *Notas e documentos para a biographia do conselheiro José d'Almeida — Typ. de Adolpho de Mendonça — 46, Rua do Corpo Santo, 48 — Lisboa.*

E' um bello volume de cerca de 600 paginas, este livro, feito sobre documentos publicados pelo sr. conselheiro José d'Almeida, no ultramar, como funccionario portuguez, que muito honra a sua patria e muito merece da admiração dos amigos, os quaes lhe dedicaram a presente obra, deixando ao cuidado do sr. Trindade Coelho, o redigil-a, incumbencia de que se desempenhou notavelmente.

Não é precisamente *Dezoito annos em Africa* uma biographia, mas contem chronologicamente dispostos os mais interessantes documentos sobre que deverá assentar-se qualquer trabalho, n'esse genero, relativo ao sr. conselheiro José d'Almeida, e constitue uma honrosa homenagem egualmente distincta para o grupo de admiradores e para o illustre cavalheiro que a inspirou.

Dezoito annos em Africa é adornado com um magnifico retrato do sr. conselheiro José d'Almeida, e nitidamente impresso, fazendo honra ás artes graphicas no nosso paiz e tornando a parte material do livro á altura do assumpto.

Revue Mascaró — *Premier et unique journal du monde pour aveugles et voyantes — Rue Alecrim 20 — Lisbonne — 1898.*

Este numero commemorativo foi publicado por occasião do quarto centenario da India e encerra entre outras cousas interessantes a *musicographia* Mascaró e o seu equivalente Braille, trabalho que o auctor dedicou a Barbier e Braille.

E' um numero curiosissimo que opulenta a collecção da *Revue Mascaró* e que honra bastante o seu desvelado auctor.